



O pagador de promessas

Dinâmica 2

9º Ano | 1º Bimestre

DISCIPLINA	SÉRIE	CONCEITOS	OBJETIVO
Língua Portuguesa	Ensino Fundamental 9º ano	Causa e consequência; Conectores.	Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do texto.

DINÂMICA	O pagador de promessas.
HABILIDADE PRINCIPAL	H22 - Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do texto.
HABILIDADES ASSOCIADAS	H16 - Estabelecer relações entre as partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a continuidade de um texto.
CURRÍCULO MÍNIMO	Relacionar a lógica que presidiu a divisão das cenas aos efeitos criados por tal divisão.

Aluno

Organização da dinâmica:

Caro/a aluno/a, nesta dinâmica você irá desenvolver as seguintes etapas com seus colegas:

FASES		ATIVIDADE	TEMPO ESTIMADO	ORGANIZAÇÃO	REGISTRO
1	Apresentação da dinâmica, leitura e debate do texto motivador.	Leitura em voz alta e discussão orientada dos textos com a turma.	30 min	Toda turma	Coletivo.
2	Sistematização dos conteúdos.	Organização dos alunos em grupos, análise do texto e redação das respostas às questões.	30 min	Grupos de 5 alunos	Escrito/Oral/Coletivo.
3	Autoavaliação.	Questões do Saerjinho.	20 min	Toda turma.	Escrito/Individual.
4	Etapas opcionais.	Improvisação teatral.	20 min	Toda turma	Oral/Individual.

Recursos necessários para esta dinâmica:

- Textos geradores.
- Exercícios disponíveis nos materiais do professor e do aluno.

ETAPA 1

APRESENTAÇÃO DA DINÂMICA, LEITURA E DEBATE DOS TEXTOS MOTIVADORES

Você já assistiu a uma peça de teatro? Tanto um filme quanto uma peça de teatro têm a mesma característica: contam uma história. O texto que você vai ler foi retirado de uma peça teatral chamada O pagador de promessas, escrita por Dias Gomes em 1960, e conta a história de Zé do Burro, um homem humilde e obstinado em cumprir uma promessa. Será que ele vai conseguir?

TEXTO

O pagador de promessas

(...)

Devem ser aproximadamente, quatro e meia da manhã. Tanto a igreja como a vendola estão com suas portas cerradas. Vem de longe o som dos atabaques dum candomblé distante, no toque de lansa. Decorrem alguns segundos até que Zé-do-Burro surja, pela rua da direita, carregando nas costas uma enorme e pesada cruz de madeira. A passos lentos, cansado, entra na praça, seguido de Rosa, sua mulher. Ele é um homem ainda moço, de 30 anos presumíveis, magro, de estatura média. Seu olhar é morto, contemplativo. Suas feições transmitem bondade, tolerância e há em seu rosto um “quê” de infantilidade. Seus gestos são lentos, preguiçosos, bem como sua maneira de falar. Tem barba de dois ou três dias e traja-se decentemente, embora sua roupa seja mal talhada e esteja amarrotada e suja de poeira. Rosa parece pouco ter de comum com ele. É uma bela mulher, embora seus traços sejam um tanto grosseiros, tal como suas maneiras. Ao contrário do marido, tem “sangue quente” (...), revelando, logo à primeira vista, uma insatisfação e uma ânsia recalcada de romper com o ambiente em que se sente sufocar. Veste-se como uma provinciana que vem à cidade, mas também como uma mulher que não deseja ocultar os encantos que possui. Zé-do-Burro vai até o centro da praça e aí pousa a sua cruz, equilibrando-a na base e num dos braços, como um cavalete. Está exausto. Enxuga o suor da testa.

ZÉ

(Olhando a igreja)

É essa. Só pode ser essa.

(Rosa para também, junto aos degraus, cansada, enfastiada e deixando já entrever uma revolta que se avoluma.)

ROSA

E agora? Está fechada.

ZÉ

É cedo ainda. Vamos esperar que abra.

ROSA

Esperar? Aqui?

ZÉ

Não tem outro jeito.

ROSA

(Olha-o com raiva e vai sentar-se num dos degraus. Tira o sapato.)

Estou com cada bolha d’água no pé que dá medo.

ZÉ

Eu também.

(Contorce-se num rito de dor. Despe uma das mangas do paletó.)

Acho que os meus ombros estão em carne viva.

ROSA

Bem feito. Você não quis botar almofadinhas, como eu disse.

ZÉ

(Convicto)

Não era direito. Quando eu fiz a promessa, não falei em almofadinhas.

ROSA

Então: se você não falou, podia ter botado; a santa não ia dizer nada.

ZÉ

Não era direito. Eu prometi trazer a cruz nas costas, como Jesus. E Jesus não usou almofadinhas.

ROSA

Não usou porque não deixaram.

ZÉ

Não, nesse negócio de milagres, é preciso ser honesto. Se a gente embrulha o santo, perde o crédito. De outra vez o santo olha, consulta lá os seus assentamentos e diz: - Ah, você é o Zé-do-Burro, aquele que já me passou a perna! E agora vem me fazer nova promessa. Pois vá fazer promessa pro diabo que o carregue, seu caloteiro duma figa! E tem mais: santo é como gringo, passou calote num, todos os outros ficam sabendo.

ROSA

Será que você ainda pretende fazer outra promessa depois desta?

Já não chega?...

ZÉ

Sei não... a gente nunca sabe se vai precisar. Por isso, é bom ter sempre as contas em dia. (Ele sobe um ou dois de graus. Examina a fachada da igreja à procura de uma inscrição.)

ROSA

Que é que você está procurando?

ZÉ

Qualquer coisa escrita... pra a gente saber se essa é mesmo a igreja de Santa Bárbara.

ROSA

E você já viu igreja com letreiro na porta, homem?

ZÉ

É que pode não ser essa...

ROSA

Claro que é essa. Não lembra o que o vigário disse? Uma igreja pequena, numa praça, perto duma ladeira...

ZÉ

(Corre os olhos em volta.)

Se a gente pudesse perguntar a alguém...

ROSA

Essa hora está todo o mundo dormindo.

(Olha-o quase com raiva.)

Todo o mundo... menos eu, que tive a infelicidade de me casar com um pagador de promessas.

(Levanta-se e procura convencê-lo.)

Escute, Zé... já que a igreja está fechada, a gente podia ir procurar um lugar pra dormir. Você já pensou que beleza agora uma cama?...

ZÉ

E a cruz?

ROSA

Você deixava a cruz aí e amanhã, de dia...

ZÉ

Podem roubar...

ROSA

Quem é que vai roubar uma cruz, homem de Deus? Pra que serve uma cruz?

ZÉ

Tem tanta maldade no mundo. Era correr um risco muito grande, depois de ter quase cumprido a promessa. E você já pensou; se me roubassem a cruz, eu ia ter que fazer outra e vir de novo com ela nas costas da roça até aqui. Sete léguas.

ROSA

Pra quê? Você explicava à santa que tinha sido roubado, ela não ia fazer questão.

ZÉ

É o que você pensa. Quando você vai pagar uma conta no armário e perde o dinheiro no caminho, o turco perdoa a dívida? Uma ova!

ROSA

Mas você já pagou a sua promessa, já trouxe uma cruz de madeira da roça até à igreja de Santa Bárbara. Está aí a igreja de Santa Bárbara, está aí a cruz. Pronto. Agora, vamos embora.

ZÉ

Mas aqui não é a igreja de Santa Bárbara. A igreja é da porta pra dentro.

ROSA

Oxente! Mas a porta está fechada e a culpa não é sua.

Santa Bárbara deve saber disso, que diabo.

ZÉ

(Pensativo)

Só se eu falasse com ela e explicasse a situação...

ROSA

Pois então... fale!

ZÉ

(Ergue os olhos para o céu medrosamente e chega a entreabrir os lábios, como se fosse dirigir-se à santa. Mas perde a coragem.)

Não, não posso...

ROSA

Por que, homem?! Santa Bárbara é tão sua amiga... Você não está em dia com ela?

ZÉ

Estou, mas esse negócio de falar com santo é muito complicado.

Santo nunca responde em língua da gente... não se pode saber o que ele pensa. E além do mais isso também não é direito. Eu prometi levar a cruz até dentro da igreja, tenho que levar. Andei sete léguas. Não vou me sujar com a santa por causa de meio metro.

ROSA

E pra você não se sujar com a santa, eu vou ter que dormir no chão, no "hotel do padre". (Olha-o com raiva e vai deitar-se num dos degraus da escada da igreja.)

E se tudo isso ainda fosse por alguma coisa que valesse a pena...

ZÉ

Você podia não ter vindo. Quando eu fiz a promessa, não falei em você, só na cruz.

ROSA

Agora você diz isso. Dissesse antes...

ZÉ

Não me lembrei. Você também não reclamou...

ROSA

Sou sua mulher. Tenho que ir pra onde você for...

ZÉ

Então...

Rosa ajeita-se da melhor maneira possível no degrau, enquanto Zé-do-Burro, não menos cansado do que ela, faz um esforço sobre-humano para não adormecer. Cochila, montando guarda à sua cruz.

Disponível em: http://www.clickfacil.net/cf_conteudo/artmx_clientes/Equipe/arquivos/anexos/1_o_pagador_de_promessa.pdf Acesso em: 30 de jul. 2013.

VOCABULÁRIO:	
ATABAQUE	espécie de tambor.
CERRADA	fechada.
IANSAN	figura do Candomblé.
PROVINCIANA	que é do interior.



ETAPA 2

ANÁLISE E PRODUÇÃO

AS RELAÇÕES DE CAUSA E CONSEQUÊNCIA NO TEXTO

Vamos analisar as estruturas das frases. Seguindo as orientações de seu professor, observe como as relações de causa e consequência expressam-se no texto lido. Depois, faça a correspondência entre os trechos.

CAUSA

- (1) Zé-do-Burro não usou almofadas para apoiar a cruz.
- (2) Zé-do-Burro é honesto quando se trata de cumprir promessas.
- (3) A igreja está fechada.
- (4) Rosa é mulher de Zé-do-Burro.
- (5) Há muita maldade no mundo.

CONSEQUÊNCIA

- () Rosa vai dormir nas escadas da igreja.
- () Alguém pode tentar roubar a cruz.
- () Rosa tem que seguir Zé- do-Burro.
- () Zé-do-Burro tem crédito com os santos.
- () Zé-do-Burro ficou com os ombros em carne viva.

Sistematização do conteúdo

As relações de causa e consequência podem também ser formadas com o uso de conectores. Estes são palavras e expressões que, além de garantirem a conexão entre as partes do texto, indicam o tipo de relação que será estabelecida entre elas. Confira a seguir quais são esses conectores:

QUADRO DE CONECTORES	
VALOR SEMÂNTICO	CONECTORES
CONSEQUÊNCIAS	Daí; por consequência; como resultado; logo; por isso; por conseguinte; portanto; de forma que; de sorte que; de modo que; de maneira que; tanto que; tão...que; tanto... que; tamanho... que; tal...que;
CAUSAS	Por causa de; em virtude de; porque; como (equivalendo a porque); pois que; uma vez que; visto que; já que.

Agora, vamos tentar unir as orações do exercício anterior fazendo uso dos conectores? Para cada frase, você deverá escolher um conector de cada quadro, fazendo duas combinações. Esta atividade ajudará você a utilizar os conectores para estabelecer sentido nas orações.

2 linhas para cada letra

1)a)

b)

2)a)

b)

3) a)

b)

4)a)

b)

5)a)

b)

Caleidoscópio

A ORIGEM DO TEATRO

O teatro surgiu na Grécia Antiga, no século IV a.C., como uma homenagem a Dionísio, deus do vinho e da alegria. À medida que a arte foi se desenvolvendo, foram estabelecidos os estilos mais conhecidos: a tragédia e a comédia.

A palavra teatro designa tanto a arte como o local em que esta arte é apresentada. Nos tempos antigos, as apresentações eram feitas ao ar livre, aproveitando-se montanhas e colinas de pedras como suporte para arquibancadas. Os atores utilizavam máscaras durante as performances. As máscaras são até hoje símbolos das representações teatrais. Se observarmos cartazes de peças, ou publicações a respeito do tema em jornais e revistas, veremos as duas máscaras representativas do gênero: uma simbolizando a comédia e outra a tragédia.

No Brasil, o surgimento do teatro aconteceu no século XVI, com uma motivação religiosa, pois as composições visavam a catequização dos indígenas e a integração entre portugueses, índios e espanhóis. Os índios brasileiros já apresentavam um talento natural para música e dança e tais inclinações foram utilizadas com sucesso como instrumento de civilização, educação religiosa e diversão.

Adaptado. Disponível em: <http://www.teatro.noradar.com/origem-do-teatro-no-brasil.htm>. Acesso em: 30 jul. 2013.

ETAPA 3

AUTOAVALIAÇÃO - QUESTÃO DO SAERJINHO

Chegou o momento de aplicarmos o conhecimento adquirido em duas questões de provas do Saerjinho. Realizá-las com atenção é um importante teste para provas futuras.

Leia o texto:

QUE TAL DESLIGAR A TV?

BRASÍLIA – Na minha infância tínhamos apenas uma televisão em casa. Quando estragava, o jeito era esperar pelo conserto. Mas não fazia muita falta. Moleque gostava mesmo era das brincadeiras de rua. Também, a programação não ajudava muito.

Hoje, com a violência nas ruas, trânsito infernal, drogas, as crianças acabam ficando mais dentro de casa. Com isso, a TV ganhou um papel importante no cotidiano. Ainda bem que agora temos programas educativos e infantis de qualidade.

Mas às vezes dá vontade de desligar o aparelho de TV. Foi a sensação que tive ao assistir a um comercial de uma montadora de automóvel dirigido ao público jovem.

Um adolescente chega em casa irritado, num estilo rebelde, jogando o tênis no meio do quarto. Amuado e desolado senta na cama pensativo. Lembra-se de seus amigos na escola. A maioria com belos carros. E ele não.

Só fica satisfeito quando descobre sobre a cama uma caixinha. Dentro, as chaves de um carro novinho em folha. Maravilha de exemplo esse dado pelo comercial.

Fico pensando nos adolescentes que não têm carro. Todos devem se sentir no direito de se transformar no mesmo rebelde de comercial. Quem sabe eles não acabam conseguindo faturar um carro zerinho?

Não fossem os bons programas educativos e infantis, além de um bom futebolzinho, dá até vontade de seguir o conselho de um amigo. O melhor é não ter televisão dentro de casa. Sobra mais tempo para ler e conversar.

O que levou o autor a ter vontade de desligar a TV?

- A) A violência.
- B) As drogas.
- C) O comercial.
- D) O trânsito infernal.

Leia o texto abaixo.

Na boca das crianças

Junte casca de ovo, pó de folhas e farelo de arroz: dá multimistura

A receita é simples e barata. Farelo de arroz, pó de folhas e casca de ovo. Misture tudo e pronto. Com essa fórmula, a nutróloga Clara Brandão pretende ajudar a resolver o problema da merenda no Brasil. Ela é coordenadora de Orientação Alimentar do Ministério da Saúde e há 30 anos trabalha com nutrição infantil em todos os cantos do país.

A ideia do preparado – chamado de multimistura – surgiu nos anos 1970, quando a Dra. Clara morava no Pará. A verba para a alimentação era curta. Muitas crianças sofriam de diarreia e quase 80% dos menores de 5 anos abrigados em creches do estado eram desnutridos. Clara visitou uma roça e viu que usavam pó de arroz no pé das plantas. Aplicou, então, o farelo no preparo de alimentos em uma dessas creches e, em três dias, a diarreia parou. Segundo a nutróloga, “quanto mais grave a desnutrição e menor a faixa etária, melhor é a resposta ao tratamento”. Após um mês, as crianças pareciam flores desabrochando”, conta.

Disponíveis em qualquer canto do Brasil, os ingredientes da receita fornecem todas as vitaminas e minerais necessários para a meninada. A ideia é difundida até pela Pastoral da Criança. Hoje 20 mil comunidades são atendidas com a multimistura, que já chegou à África.

Para Clara Brandão, a receita é muito bem aceita pelas crianças nas regiões mais carentes. Por isso, se adotada oficialmente pelo governo, certamente teria a capacidade de amenizar o problema nutricional nas creches brasileiras.

A frase que apresenta uma relação de causa e consequência é:

- A) O uso da multimistura acarretará a diminuição da diarreia infantil no Pará.
- B) Quanto mais grave a desnutrição, melhor é o resultado do tratamento.
- C) A nutróloga Clara Brandão idealizou a multimistura quando morava no Estado do Pará.
- D) Se adotada oficialmente, a multimistura diminuirá a desnutrição infantil.



ETAPA 4

ETAPA OPCIONAL

CENAS IMPROVISADAS

Chamamos de improvisação quando um ator interpreta uma cena sem ter decorado falas, ou sem ter se preparado antecipadamente. Vocês usarão toda criatividade para, divididos em grupos, improvisar uma das seguintes situações:

- Uma festa de aniversário.
- Um elevador de edifício público.
- Uma sala de espera de médico.

- Uma sala de aula.
- Um ônibus.
- Uma fila de banco.

Escolham personagens diferentes para cada componente do grupo. Pode ser uma moça tímida, um rapaz falante, um roqueiro, uma mulher rica, enfim, criem personagens de tipos diferentes.

Vocês devem improvisar a cena em aproximadamente 10 minutos e apresentá-la aos colegas.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. Ler e compreender: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2011.
- BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

SITES CONSULTADOS

- <http://www.teatro.noradar.com/origem-do-teatro-no-brasil.htm>
- <http://www.recantodasletras.com.br/ensaios/3092408>

LEITURAS COMPLEMENTARES SUGERIDAS

PARA O PROFESSOR E O ALUNO:

FILME

O Pagador de Promessas.

É uma obra-prima do cinema brasileiro, baseado na narrativa de Dias Gomes. Lançado em 1962, amplamente premiado, foi roteirizado e dirigido por Anselmo Duarte. As filmagens foram realizadas em Salvador, capital da Bahia. Foi premiado com a Palma de Ouro no Festival de Cinema de Cannes, na categoria de melhor filme, e conquistou também outros inúmeros prêmios e uma indicação para o Oscar de 1963, no qual concorreu como melhor filme estrangeiro.